

O sexual-infantil na clínica psicanalítica

Isabel D. Mainetti de Vilutis

Resgatar o erotismo infantil das malhas da repetição, apostando no seu potencial criativo e subversivo: eis a proposta deste artigo, a partir de uma vinheta clínica e de um fragmento literário.

"Como conhecer jamais o menino? Para conhecê-lo tenho que esperar que ele se deteriore, e só então ele estará ao meu alcance. Lá está ele, um ponto no infinito. Ninguém conhecerá o hoje dele. Nem ele próprio. Quanto a mim, olho, e é inútil: não consigo entender coisa apenas atual, totalmente atual. O que conheço dele, é a sua situação: o menino é aquele em quem acabaram de nascer os primeiros dentes e é o mesmo que será médico ou carpinteiro. Enquanto isso - lá está ele sentado no chão, de um real que tenho de chamar de vegetativo para poder entender. Trinta mil desses meninos sentados no chão, teriam eles a chance de construir um mundo outro, um que levasse em conta a memória da atualidade absoluta a que um dia já pertencemos?"

Clarice Lispector, *Felicidade Clandestina*.

Existe uma maneira mediante a qual a fantasia acha uma possibilidade de satisfazer as pulsões sexuais infantis e continuar vinculada à realidade, acrescentando a ela valores estéticos universais: a arte.

Talvez por isso a escolha do texto para introduzir este menino mítico que permeia o trabalho clínico psicanalítico.

A artista chama-nos a atenção para a extrema atualidade desse infante e, ao mesmo tempo, sinaliza para a dificuldade de apreendemos sua realidade a não ser através de um trabalho reconstrutivo, imaginizado a posteriori. Isto nos lembra a descoberta

Isabel D. Mainetti de Vilutis é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

freudiana da sexualidade infantil a partir do trabalho com pacientes neuróticos adultos, que abre espaço para algumas questões que gostaria de frisar neste trabalho: Qual o tempo do infantil no processo analítico? Quando, hoje em dia, o infantil faz sua aparição no divã, é verdadeiramente escutado?

Freud alertava para os perigos da pedagogia uma vez de posse de um saber sobre a sexualidade infantil: uma tutela excessiva dos aspectos sexuais infantis poderia resultar num recalçamento também excessivo e, conseqüente-

mente, num empobrecimento da fantasia e da criatividade do ser humano (o fim das artes!). De outro lado, relaxamento e permissividade absolutos criariam um ser "incapaz de lidar com o ressurgimento da sexualidade próprio da puberdade".¹

tão das diferenças de dimensões possíveis entre um pênis flácido e um pênis em ereção. De qualquer modo há sempre este devir, ou seja, há sempre uma ideologia progressista da qual, curiosamente, a psicanálise não escapa, nem mesmo Freud; e esta ideologia progressista que é, muito naturalmente, de início, o fantasma da criança, foi apesar de tudo inventada como saber e como lei pelos adultos (sem dúvida pelo que sobra de infantil neles). Com isso, torna-se a palavra infantil pejorativa."²

exatamente com o que a criança foi ou com o que ela lembra ter sido.

Compartilhamos da dificuldade de Clarice Lispector para dizer o que a criança foi, para capturar sua extrema atualidade quando o era.

O adulto nos fala da sua infância através de inúmeros recursos: seus sonhos, as lembranças, os atos falhos, pelo relato que ouviu de outros a respeito de si, etc.

Freud nos alerta para a necessidade de outorgarmos um estatuto equivalente a estas produções, sem dar importância ao fato de elas remeterem ou não a situações realmente vividas. Podemos perseguir a verdade histórica, mas não devemos perder de vista que o que interessa ao trabalho analítico é a "realidade psíquica". Isto serve para diferenciarmos o infantil (realidade psíquica), e a criança ("menino sentado no chão").

Esta realidade psíquica é de natureza sexual, e portanto submetida às vicissitudes próprias da sexualidade: procura de satisfação, peremptoriedade, desconhecimento dos limites da realidade. Neste sentido, o infantil da clínica está mais próximo desta descrição do que da criança que lembramos de ter sido. Por isso, o infantil é o esquecido, aquilo que na luta entre o princípio do prazer e o de realidade precisou ser abandonado para nos tornarmos primeiro uma criança e depois um adulto que fala da criança que crê ter sido.

Gosto de dizer "esquecido" porque é certo que o infantil está presente e atual no adulto; está esquecido, justamente, e reaparece com gritos de criança perdida em um parque imenso e solitário. Grita nos sonhos, nos lapsos, está amarrado nos sintomas, na fala; reencontra-se na transferência como um Cupido que erotiza, inquieta e invade o processo analítico.

Freqüentemente percebemos o quanto incomoda esta aparição súbita do infantil no processo analítico, e quão grande é o risco, ora

O infantil é o sexual-esquecido: não coincide com o que a criança foi, nem com o que lembra de ter sido.

Perrier trabalha esta questão em duas dimensões: criticando uma ideologia progressista da psicanálise, e tentando estabelecer um vínculo entre o infantil e o amor, a partir de questionar se o amor é - por sua vez - progressista ou reacionário. Ao associar o amor e a infância do sujeito, Perrier o coloca como motor de mudanças e transformações, o que me leva a pensar que se corre facilmente o

risco de idealizar as crianças (e o amor!), perdendo-se portanto, a possibilidade de estabelecer uma diferença mais nítida entre o infantil (da clínica) e a criança.

Se o infantil em psicanálise não coincide com a criança que o paciente foi, qual a realidade daquilo a que chamamos infantil? Por que não pode ser tratado pedagogicamente?

Menino a bico de pena

Gostaria de definir o infantil como o sexual esquecido. Neste sentido, o infantil não coincide

mente, num empobrecimento da fantasia e da criatividade do ser humano (o fim das artes!). De outro lado, relaxamento e permissividade absolutos criariam um ser "incapaz de lidar com o ressurgimento da sexualidade próprio da puberdade".¹

Às vezes, tem-se a impressão de que em certas análises "a criança" é tratada pedagogicamente: permite-se que ela brinque um pouquinho, mas rapidamente exige-se dela que ora amadureça, totalize, racionalize, etc.

Afirma F. Perrier: "Crescer pode ser o primeiro fantasma da infância, pode ser também a ques-

de admoestá-lo, ora de esquecê-lo novamente, ou, ainda, de acolhê-lo como se acolhe uma criança imatura, à qual pareceria bastar um pouco de afeto. Admoestar e esquecer estariam dentro de uma linha pedagógica de trabalho, que - aliada ao fortalecimento do ego - tentaria reforçar o recalque. Acolhê-lo afetivamente, embora importante, não garante a necessária perlaboração do fenômeno ligado à sexualidade infantil, no sentido de permitir novas associações e possíveis formas de realização do desejo.

Não necessariamente faltou afeto quando aquilo que retorna na repetição procura análise. Provavelmente faltaram nomes, palavras, representações adequadas; ou sobreram normas e faltou legalidade.

Isto permite uma pequena digressão relativa ao temido "acting-out" dos pacientes. Como acontece nas melhores famílias, quando há excesso de normas numa análise, qualquer conduta diferente é caracterizada como "acting-out". Quando, ao contrário, o que se tenta com o enquadre psicanalítico é o estabelecimento de uma legalidade que permita a emergência do desejo inconsciente, parecemos mais fácil incluir determinadas atitudes dos pacientes num contexto de significação mais ampla.

A singularidade do inconsciente parece ter mais cabida e o infantil é melhor acolhido e interpretado.

A importância atribuída ao "acting-out" me parece estar relacionada com a importância atribuída à criança no processo analítico, e não ao infantil. Tal criança não concerne à psicanálise. O infantil não somente é convocado, é também o motor do processo.

De qualquer forma, é de psicanálise com adultos que falo e, portanto, resta a esperança de que a confusão entre o infantil e a criança não seja tão freqüente, a menos que existam processos que

tratem dos adultos como crianças. Infantilizar o paciente não é o objetivo visado pela descoberta freudiana. Convocar o infantil é deparar-se com um universo de pulsões parciais, atemporais, caóticas, mais próprias de um quadro de Salvador Dalí do que de um "bambino" de Rubens.

"Não venho à análise para falar que faço cocô todos os dias ou que soltei um pum no elevador. Estas são coisas corriqueiras que não precisam ser faladas". Isto dizia um paciente se queixando da falta de "assuntos importantes" para tratar naquela sessão. Na verdade, estava falando de cocô, de pum e o prazer que isto lhe provocava era indizível. Um riso ansioso acompanhava suas afirmações, e, defrontado com o silêncio da analista, teve a nítida sensação de "estar sendo inconveniente com aqueles comentários".

Curiosamente é um paciente que se refere aos "assuntos importantes" adjetivando-os sempre assim: "foi uma merda o que aconteceu hoje", ou então "fiz outra cagada com Fulano". Poderíamos pensar que para ele está esquecido que, por trás dos assuntos importantes, há uma satisfação pulsional anal. Esta repete-se cotidianamente como expulsão de um produto importante, que, uma vez realizado, vai literalmente por "água abaixo", sem lhe permitir encarar relações a mais longo prazo ou projetos com satisfação mais diferida, impedindo-o portanto de exercitar uma maior criatividade.

O infantil em psicanálise coincide com a criança que o paciente foi? Qual a realidade

daquilo que chamamos infantil? Por que não pode ser lidado pedagogicamente?

Este exemplo propicia uma abertura para a questão da fala como representante da pulsão, já que esta "grita" no discurso do paciente (no palavrão, na gíria e na insistência de determinados significantes que se repetem, mesmo descrevendo as mais variadas situações). Neste sentido, são ilustrativos alguns bordões usados pelos pacientes na introdução de suas falas: "veja bem", "escute só", "olhe aí", etc.

Quando aquilo que retorna na repetição procura análise, faltaram nomes, palavras, legalidade: nem sempre afeto ou normas.

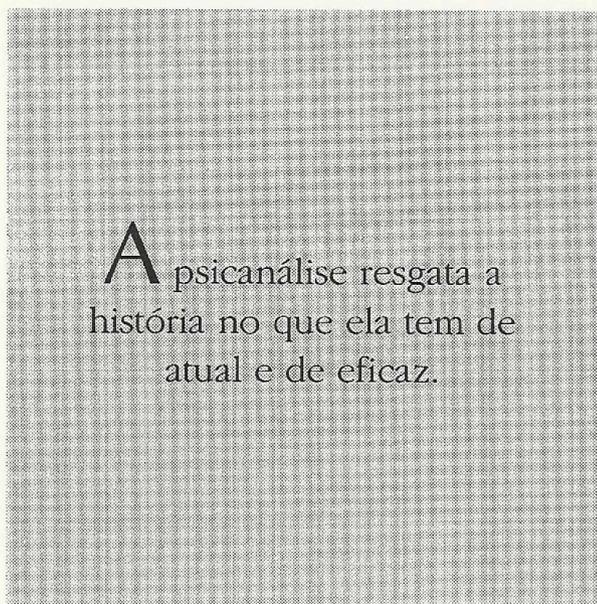
Também a partir deste exemplo clínico, podemos tecer algumas considerações a respeito do papel da reconstrução histórica no processo analítico. A constatação de uma insistência na forma de satisfação anal remete, teoricamente, a uma fase de organização da libido razoavelmente precoce. Podemos supor, ainda teoricamente, que um excesso de gratificação ou frustração determinou a existência de um ponto de fixação nesta fase, e que a constelação edípica do paciente reorganizou as vicissitudes pulsionais de maneira tal, que nela está localizado grande parte do seu prazer, e por-

tanto, do seu sofrimento (a imediata sensação de estar sendo inconveniente com sua fala)

Faz-se presente o sexual infantil, resignificado edípicamente, na fala de um adulto que sofre e procura alívio para sua angústia na análise.

Como lidar, então, com esta situação?

Retomando o dito no início deste trabalho, não estamos perante uma criança que brinca com suas fezes, e uma interpretação neste sentido seria, no mínimo, inoperante ou pedagógica.



A psicanálise resgata a história no que ela tem de atual e de eficaz.

Freud é categórico ao afirmar a importância da reconstrução histórica: houve excesso de gratificação ou frustração?, de que maneira o conflito edípico e a angústia de castração resignificaram esta situação? Esta tentativa pode ser descartada - e com razão - se for simplificada como compreensão da verdade histórica enquanto verdade histórico-vivencial. No próprio Freud achamos pistas de que não se trata desta pesquisa: "Nossas lembranças infantis mostram-nos nossos primeiros anos não como eles foram, mas como nos apareceram nos períodos posteriores em que as lembranças fo-

ram despertadas. Nesses períodos do despertar, as lembranças infantis, como nos acostumamos a dizer, não *emergiram*; elas foram *formadas* nessa época. E inúmeros motivos, sem nenhuma referência à precisão histórica, participam de sua formação, assim como da seleção das próprias lembranças".³

Uma leitura mais demorada de Freud permite perceber que a realidade psíquica adquire o maior relevo na técnica psicanalítica, e que deve existir em relação a ela um aplanamento da escuta do analista: é válida a lembrança,

o relato ou um dado vivencial, desde que estes tenham que ser ditos, isto é, desde que apareçam na associação livre do paciente. Qualquer atitude seletivo-valorativa do conteúdo da fala do paciente implica numa ruptura do compromisso com a atenção fluente por parte do analista. Neste sentido, é um fato inegável que todos os pacientes falam da sua infância, a menos que sejam induzidos a

descartar estes conteúdos como não atuais ou não significativos para sua análise (isto é, que sejam admoestados por recriar a criança fantasiosamente e por não se comportarem como crianças aqui e agora).

Se a cura analítica é encarada como uma possibilidade de simbolização do sexual inconsciente, isto é, um processo que permita a satisfação pulsional adequada ao princípio de realidade, com mais liberdade criativa e menos sofrimento, o trabalho analítico deverá levar em conta o percurso de cadeias associativas cortadas, recalcadas, inibidas, negadas, etc. que

originaram circuitos de satisfação repetitivos e empobrecedores.

A psicanálise resgata a história infantil no que ela tem de atual, de produtora de efeitos e modificações; reconstruí-la tem por objetivo propiciar-lhe novos caminhos.

O infantil grita na análise como uma criança perdida em um parque imenso e solitário. Não devemos tão somente acolhê-lo; também é importante descobrir onde se perdeu e por que. Talvez, então, consiga andar pelo parque sozinho e possa perder-nos sem medo.

NOTAS

1. Freud, Sigmund: "23ª Conferência. Os caminhos da formação dos sintomas" in *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1916-1917)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XVI. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda. 1976. p. 426.
2. Perrier, François: *Ensaio de Clínica Psicanalítica*. cap. IV "Seminário Sobre o Amor (1970-1971)". São Paulo. Escuta. 1992. p. 312
3. Freud, Sigmund: *Lembranças Encobridoras (1899)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. III. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda. 1976. p. 354.